

# Proibido não tocar: Encantamentos de uma proposta de instalação sonora na educação infantil<sup>1</sup>

Ariane Carolina Boscardini Bittencourt  
Dulcimarta Lemos Lino

## Resumo

Dentro da temática “música na infância”, o presente estudo compôs uma instalação sonora em uma escola de educação infantil para provocar a escuta das crianças, refletindo sobre suas narrativas sonoras. Com base nos pressupostos teóricos de Lino (2008), para quem o barulhar é a música das culturas infantis, e de Richter (2005) sobre as narratividades do linguajar na infância, a pesquisadora organizou um ambiente sonoro na galeria da escola em que atua. Sem a intervenção direta das professoras, as 65 crianças (com faixa etária variante entre 2 e 4 anos) da Escola Municipal de Educação Infantil Professora Zozi-na Soares de Oliveira, no município de Novo Hamburgo, foram convidadas a brincar com sons, manipulando os diferentes objetos sonoros dispostos na instalação sonora. Além disso, a experiência de compor uma instalação sonora pôde indicar que as dimensões languageiras do viver, presentes no tempo-espaço-lugar cotidiano, provocam os sentidos do discurso.

**Palavras-chave:** Barulhar. Educação infantil. Instalação sonora. Música na infância.

---

1 Este artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso produzido no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da FACED/UFRGS – MEC intitulado *Proibido não tocar: encantamentos de uma proposta de instalação sonora na educação infantil*, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Jane Felipe e coorientação da Prof.<sup>a</sup> Dulcimarta Lino.

## Proibido não tocar: compondo a instalação sonora

*Quando se dá tudo pronto, sejam formas ou brinquedos, não sobra nada para imaginar.*  
(Richter, 2013)

A ideia de compor uma instalação sonora na escola municipal onde leciono no município de Novo Hamburgo surgiu a partir de diálogos com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dulcimarta Lino, no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (FACED/UFRGS – MEC), bem como com a leitura do livro *Paisagens sonoras de uma cidade* (BERNARDI; SEDIOLI, 2002).

A proposta ora apresentada partiu do conceito de barulhar na infância (LINO, 2008), tema extensamente investigado em *Balangandã sonoro: uma sugestão de material didático para trabalhar o “barulhar” das crianças na educação infantil* (BITTENCOURT, 2011).<sup>2</sup>

Para conseguir organizar tal espaço, busquei, além do material bibliográfico, informações que pudessem me auxiliar nesta pesquisa e prática. Procurei, então, sonoridades disponíveis em casa, na escola, coletando materiais entre amigos, montando, colocando, cortando, testando, brincando com os objetos sonoros.<sup>3</sup> Depois disso, busquei os espaços mais sonoros da escola: uma sala, o corredor, a galeria, a pracinha ou a rua, sempre procurando estar atenta aos sons que perpassavam esses lugares.

Comecei organizando alguns materiais por mim experimentados juntamente com minha turma na faixa etária 3 anos. A elaboração e confecção desses objetos sonoros só foram possíveis graças às parcerias feitas no caminho com amigos e familiares. Deles recebi, além de doações e empréstimos de objetos, outras formas de solidariedade, como auxílio para coletar, transportar e confeccionar os materiais.

Ao entrar em linguagem, as crianças fazem ressoar a pluralidade de sentidos que decidem narrar do mundo, mobilizando seu imaginário criador. Nesse instante, elas demonstram todo um apetite ao ruído, ao silêncio, ao som, entregando-se poética e ludicamente à escuta e ao diálogo das materialidades dispostas. A instalação sonora possibilita a ampliação do conceito de composição indicado pela arte sonora na contemporaneidade, em que som, imagem,

2 Trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

3 Qualquer objeto que decidirmos utilizar para produzir sons. Vali-me também de alguns objetos recolhidos no lixo.

espaço e tempo se interpõem de forma híbrida. *Proibido não tocar* surge como um contraponto à música presa ao encadeamento temporal, presença constante nas rotinas da educação infantil.

A instalação sonora pretende sublinhar a intensa sintonia das crianças com as modalidades artísticas contemporâneas em que o espectador é também um compositor. Ao invés de manter-se em silêncio, em posição contemplativa, as crianças podem escolher a trajetória a seguir. Por essa razão, ao barulhar na instalação sonora de forma espontânea e indeterminada, as crianças ressoam os sentidos que pretendem investigar, experimentando a música antes de pensá-la com significado. Logo, *Proibido não tocar* constitui uma forma poética de observar e habitar o espaço da infância.

### **Visita à instalação sonora da Zozina: proibido não tocar**

A explicação a respeito da proposta de trabalho foi realizada de maneira informal com as professoras de cada turma. Fizemos algumas combinações nos momentos disponíveis que tínhamos (intervalos, almoço, etc.), especialmente sobre como iria ocorrer a instalação, qual era a proposta da pesquisa e qual seria o tempo de permanência adequado para cada turma na instalação. Como a ideia era a de que todas as turmas interagissem com *Proibido não tocar* no mesmo dia, estipulamos o tempo de 20 minutos de exploração para cada grupo. Explicamos que a instalação sonora ficaria montada para que, posteriormente, as turmas pudessem explorá-la com mais tempo.

O combinado com as crianças foi de que poderiam brincar como quisessem no espaço, desde que não se machucassem e não machucassem os colegas. Outra combinação foi que, quando chamássemos, elas devolveriam as coisas para o lugar e sentariam no espaço combinado para conversarmos. Pouco antes de terminar o tempo combinado, avisamos às crianças que o tempo da brincadeira logo acabaria; quando finalizado, nos despedíamos, e as crianças eram questionadas sobre o que haviam achado do espaço e se haviam gostado de brincar nele.

Ao todo foram atendidas sete turmas, somando 65 crianças que puderam explorar a instalação. As visitas foram realizadas no horário combinado com as professoras, vindo apenas uma turma de cada vez, sempre acompanhadas de sua professora titular e da professora que se dispôs a auxiliar a fotografar as

reações das crianças, além de mim. Tentávamos não intervir e não direcionar as crianças, deixando apenas que elas brincassem com os objetos sonoros dispostos na instalação da forma que quisessem. Apenas intervínhamos nos momentos de conflito e de “guardar”.

Os registros realizados, filmagem e fotografias, foram feitos sempre por três pessoas. Nesse momento de registrar, pedi que cada professora assim o fizesse livremente para que capturassem os barulhantes das crianças. Essas fotos foram disponibilizadas às famílias através do website da escola, que é um dos meios de aproximação da escola com as famílias, mantendo-se sempre atualizado com as atividades feitas pelas turmas. Posteriormente, utilizei as filmagens e fotos para analisar a participação das crianças neste espaço. Considero que o que enriqueceu muito este momento foram os diferentes olhares que compuseram esta coleta de material.

## **Objetos sonoros que compuseram a instalação Proibido não tocar<sup>4</sup>**

### **CORTINA SONORA**

**Figura 1 — Cortina feita com cascas de sementes**



4 O uso das imagens foi autorizado pelos pais e pela equipe diretiva da escola.

Figura 2 — Cortina de sementes fixada em uma arara



Figura 3 — Escutando a cortina



**Figura 4 — Brincando e movimentando as materialidades sonoras**



### CANOS

**Figura 5 — Painel de MDF com gesso ilustrado pelas crianças**



**Figura 6 — Painel com os canos fixados e um  
pálete de suporte para provocar sons**



**Figura 7 — Canos para puxar e ouvir**



Figura 8 — Espiar também pode?



## PANELEIRO

Figura 9 — Diferentes panelas e latas furadas e amarradas



Figura 10 — Experimentando o paineleiro



Figura 11 — Esboços de composição



Figura 12 — Quando barulhar é pura diversão



## TONÉIS

Figura 13 — Construindo provocações para soar



Figura 14 — Espiando o som



Figura 15 — Gafanhotos na colheita



Figura 16 — Escuta só, que som é esse?



## Descobertas do caminho

*O músico brinca com o som e o silêncio.*

*Eros brinca com os amantes.*

*Os deuses brincam com o universo.*

*As crianças brincam com qualquer coisa*

*em que possam pôr as mãos, **os olhos, os ouvidos, o corpo.***<sup>5</sup>

(Nachmanovitch, 1993 apud Richter, 2005, p. 248)

A instalação aqui apresentada foi para as crianças um momento de intenso brincar, experimentando as sonoridades à sua maneira. As turmas que experimentaram a instalação podem ser classificadas em dois grupos. O primeiro grupo, composto pelas turmas da faixa etária de 3 anos A e a turma da faixa etária de 3 anos C, já havia explorado de diferentes modos alguns objetos sonoros como os dispostos na instalação e também alguns instrumentos musicais. Isso porque essas crianças realizaram diversas atividades propostas para aguçar sua escuta sensível e seu ouvido pensante. Esse grupo será aqui denominado grupo A. O segundo grupo, constituído pelas turmas da faixa etária de 2 anos, faixa

<sup>5</sup> Grifo meu.

etária de 3 anos B, Turma Unificada (crianças de 3 e 4 anos) e faixa etária de 4 anos, não havia explorado de forma continuada o barulhar em suas atividades cotidianas. A este chamaremos de grupo B.

Cada um dos grupos escutados participou, sem receita, da instalação sonora apresentada. A escuta sensível de seu brincar através da instalação indicou que, de maneira geral, as crianças trouxeram consigo a bagagem sonora de que dispunham na escola, enredando teias, encontrando afinidades, fazendo música.

O grupo A, ao participar da instalação, demonstrou uma grande familiaridade com os objetos sonoros dispostos, evidenciando diferentes gestos de escuta sonora. Esse grupo ficava um tempo mais prolongado experimentando as materialidades dispostas, lembrava-se dos canos, das cortinas e dos tonéis experimentados na sala de aula (e por essa razão já sabia como produzir diferentes sonoridades) e tentava esboçar pequenas músicas a partir dos sons percutidos.

O grupo B se lançou intensamente a fazer vibrar a onda acústica disposta na instalação sonora. Percutiam de modo fraco, forte, rápido, lento. Ao experimentar os excessos sonoros com velocidade, pareciam totalmente envolvidos ludicamente na exploração sonora. Assim, em diferentes momentos, ficavam por mais um instante ouvindo ou percutindo sonoridades que lhes houvesse agradado.

Cabe ressaltar que, na experiência de participar de uma instalação sonora, não há um grupo que participe de melhor forma do que o outro. O que se levou em consideração foi a experiência de cada criança e a forma como aceitavam a provocação para barulhar, narrando o seu mundo de sentidos. Nesse momento, a complexidade e a pluralidade da música como dimensões estéticas emergem na multiplicidade de sentidos que as crianças decidem focar.

Esta foi uma experiência poética de muita aprendizagem para mim enquanto professora e pesquisadora, pois se tornou evidente que neste tipo de trabalho devemos ficar abertos ao inesperado. Compreendo que foi esse inesperado que compôs as mais belas e enriquecedoras experiências para pensar com sons. Entre todas as experiências registradas nessa investigação, selecionei seis narrativas sonoras que mobilizaram minhas reflexões.

Os registros de vídeo utilizados para esta análise não têm uma finalidade estética, mas querem apenas ilustrar as reflexões desta investigação. Estas imagens são um documento público, disponibilizadas com autorização dos pais e

da direção da escola, que mostram os significados narrativos do que pude escutar sensivelmente. Por esse motivo não descrevo tudo que aconteceu temporalmente, mas utilizo recortes nomeados “narrativas sonoras” (como na investigação dos momentos de cantos e balbucios de Cabanelas e Hoyelos (1998)) para pontuar os temas que quero destacar.<sup>6</sup>

## **Quando barulhar leva à composição musical: cozinheiras da alegria**

As crianças da faixa etária 3 anos C, turma na qual leciono, foram apresentadas a alguns dos componentes da instalação sonora. Quando se colocaram diante do painel, inicialmente bateram nas painelas com as mãos e com as baquetas por mim dispostas.

Maria foi até o pote onde estavam dispostas as baquetas, pegou uma das colheres e, em vez de tocar no painel, começou a mexer a colher dentro das painelas como que imitando o ato de cozinhar, misturando comida. Logo se juntaram a ela mais duas meninas, a Nicolly e a Sara, na brincadeira de cozinhar. No outro lado do painel havia alguns meninos que tocavam os objetos para que eles vibrassem. Enquanto isso, Sara começou a cantar enquanto as amigas “cozinham” e os meninos tocavam. Sua canção era composta basicamente pela seguinte estrofe: “Somos as cozinheiras da alegria...”. Nesse momento ela dançava, cozinava e cantava.

O grupo achou muito divertido e seguiu na brincadeira, as outras meninas se uniram na cantoria e mesclavam a este refrão dizeres improvisados de comidas que lhes agradavam. Elas cantavam: “Nós gostamos de cozinhar, e de comer feijão, e arroz...”, deixando claras as suas preferências na alimentação e sempre retornando à música com seu destaque: “Somos as cozinheiras da alegria!”. Brincaram desta maneira por alguns minutos, divertindo-se muito, quando naturalmente foram substituindo-a por outras com as quais seus colegas brincavam na sala.

Nesse momento, entendi que a instalação sonora serviu como um dispositivo desencadeador para que as crianças, entrando em linguagem, encontrassem os sentidos de ser. Algumas crianças cozinham dentro da painela, outras

---

6 As edições dos vídeos foram realizadas dando suporte ao objetivo dessa investigação, nessas descrições os nomes das crianças não serão utilizados, cada criança será identificada por um nome fictício.

inventavam a música para cozinhar. Aqui a música era improvisadamente articulada, na sintonia de ressoar com os pares. A instalação funcionou como um “exercício para curiosos<sup>7</sup>”, ou seja, como outra maneira de entender a infância em sua contemporaneidade, ou, ainda, como outra forma de pensar “a organização do tempo, da vivência enquanto experiência de um pensamento que não se pauta só em representações, mas em uma imagem de pensamento que se coloca sob a perspectiva da invenção” (ABRAMOWICZ, 2013, p.41).

Ao propor outra forma de fazer música na escola, oferecemos às crianças a possibilidade de um tempo e espaço para que vivenciassem a experiência poético/estética sem restringi-las apenas às entonações repetitivas de um cardápio sonoro engessado, entoado sem movimento. Conforme Richter (2013), a criança imaginante não antecede o adulto racional (mito da criança criadora). Nem todas as crianças espontânea e improvisadamente expressam de forma livre a sua imaginação sonora. Para algumas crianças é necessário oferecer momentos, espaços e tempos para que possam experimentar a sua imaginação.

## **Quando o barulhar é repetir: criar ações poderosas**

Ao chegar à instalação sonora, Vítor se apoderou do brinquedo com que tinha intimidade: o balangandã. Em seguida se dirigiu ao paineliro, objeto novo para a criança, testando suas sonoridades com as mãos, dando batidas nas diferentes painelas ali dispostas. Vítor pegou então a baqueta de feltro e voltou a bater nos mesmos objetos em que havia batido com as mãos. Ao bater na primeira painela, o menino esboçou um sorriso em minha direção, parecendo dizer: “Ah, com essa baqueta o som fica mais forte”. A criança fez o mesmo ritmo em todas as painelas, mirando-me sorridente sempre que acabava uma série percussiva.

Após testar a maioria dos objetos expostos no paineliro, Vítor pegou outra baqueta (a de madeira com tecido) e começou novamente a explorar as painelas utilizando as duas diferentes baquetas de forma alternada, intensificando a força e velocidade de seus movimentos. O menino permaneceu explorando este espaço da instalação sonora por aproximadamente oito minutos. Passado este tempo, ele foi explorar outras materialidades, como os tonéis, mas sempre retornando ao paineliro. Cabe destacar que, sempre que retornava ao paineliro, Vítor intensificava seus movimentos corporais, experimentava outras

---

7 Nome de uma exposição da Bienal do Mercosul.

baquetas e diversificava sua forma de “tocar” no paineleiro com elas. Para Vítor, repetir não era entediante, mas puro prazer pela descoberta sonora. Quanto a isso, Richter (2005, p. 251) afirma: “brincar outra vez é começar tudo como a primeira vez! Remexer nas crianças é pensar. Implica afirmar que podem aprender com o corpo. E o corpo, antes, é sensação e afecção só acontecendo no ato de participar”.

Como observa a autora, o menino Vítor, ao retornar diversas vezes ao paineleiro, espaço da instalação sonora que claramente mais o instigou, começou tudo outra vez. O corpo de Vítor lembrava a primeira vez, pois a cada retorno repetia o que havia feito anteriormente. A cada batida identificava através de sua escuta sensível uma nova sonoridade, refinando seu ouvido pensante<sup>8</sup> e ampliando seu repertório sonoro aliado sempre à intensa alegria, evidente em todos os momentos da exploração através de seus sorrisos e gargalhadas.

A vontade de permanecer nesta exploração foi tanta que, ao terminar o tempo combinado, demonstrou resistência a abandonar seu brincar. Assim, foi o último a sair da instalação, retornando inúmeras vezes ao longo dia.

## **Quando barulhar leva à invenção: jogo de iguais**

Em uma das vezes que o menino Vítor deixou o paineleiro para brincar com outros objetos sonoros da instalação, ele foi até os grandes tonéis de aço para testar a sonoridade deles utilizando as mesmas baquetas com que tocava no paineleiro. Vítor tocava intensamente nos tonéis, assim como havia feito no paineleiro, e a forma de percuti-los era aleatória. A criança testava diferentes ritmos e formas de utilizar as baquetas, acompanhando-se melodicamente com a voz na medida em que improvisava cantares narrativos de seu fazer, misturando sons e palavras diversas.

Em determinado momento, Vítor me chamou e mostrou o que fazia e, logo em seguida, me convidou a tocar junto com ele. Nesse momento, nenhuma palavra precisou ser dita, pois Vítor me chamou pelo meu nome e, com seu olhar, demonstrou que queria que eu participasse.

Inicialmente batemos juntos no tonel, mas, em determinado momento, quando alterei o ritmo que estava fazendo, Vítor parou de tocar e ficou obser-

---

8 Termo criado por Schaffer (1991) referindo-se a um ouvido que não apenas escuta, mas que reflete a respeito do que ouve.

vando. Quando parei de bater, ele repetiu com suas baquetas o mesmo inciso que havia escutado. Ficamos nesse jogo de escuta por repetidas vezes. Ele sempre parava, ouvia meu inciso rítmico e prosseguia com a repetição. Em seguida, propus outro ritmo. Ao terminar sua sequência, Vítor olhou para minha mão e deu um sorriso. Respondi com outra sequência de batidas. Percebi que ele havia criado uma forma de jogar com os sons e que eu havia sido, de certa forma, convidada a brincar com ele. Batemos alternadamente, cada um na sua “vez” de jogar.

Da mesma forma natural com que esta brincadeira começou, ela teve seu encerramento, terminando com um sorriso de Vítor para mim e eu sorrindo para ele. Quando não quis mais, o menino voltou a barulhar no painel. Barulhamos em conjunto. Como afirma Lino (2008), o barulhar não é regrado e tampouco pode ser ensinado, pois sua duração irá variar de acordo com a vontade de seus integrantes e, assim como começa de maneira espontânea, ele também se encerra em si.

Foi exatamente desta maneira que Vítor e eu barulhamos no nosso jogo sonoro. Não se fez necessária nenhuma palavra para constituir esta brincadeira, uma vez que toda a comunicação foi realizada através do som e da cumplicidade de olhares e sorrisos. As regras desse jogo sonoro foram criadas ali naquele momento e se adequaram àquela situação, iniciando e terminando a brincadeira da mesma forma espontânea, natural e alegre. Interessante observar que essa troca de olhares cúmplices é muito utilizada entre músicos profissionais, que parecem se deleitar com a peça que está sendo executada. É como se nessa hora os músicos entrassem em êxtase ao tocar a música.

A observação do vídeo analisado me fez entender que os significados das narrativas sonoras infantis são determinados pelas próprias crianças. Cada som apareceu quando tinha que ressoar, sendo imprescindível para a invenção do jogo de iguais. O jogo de iguais apenas foi possível porque, em pares (criança e professora), decidiram se comunicar, numa espiral em que a escuta silenciosa convidava a uma repetição do ritmo. Aqui a criança inventa um jeito de brincar com sons, jogando.

## Encontrar provocações: um convite a escutar

Após a organização e interação das crianças na instalação sonora, surgiu a ideia de mantermos algumas coisas da instalação na galeria da escola, como o painel de madeira com canos, o pálete e os tonéis de aço com os canos, pensando também em, no próximo ano letivo, gradativamente, criarmos outros objetos sonoros que possam ser explorados pelas turmas diariamente, constituindo o novo ambiente da galeria da escola.

Surgiram outras ideias e inquietações: uma delas foi que poderíamos ter produzido em conjunto com as crianças as etapas iniciais da elaboração dos objetos sonoros – etapas estas que foram confeccionadas sem a participação das crianças. Poderíamos também ter selecionado com elas o material utilizado, discutindo e analisando como se dá todo o processo de confecção de tais objetos (cortar, furar, amarrar), proporcionando outras experiências, instigando ainda mais a participação do grupo.

Pensei em outros elementos que podem fazer parte de futuras instalações sonoras: objetos com cordas para soar (como uma harpa), um espaço com um silêncio predominante onde os sons seriam fracos e suaves, outros modelos de painéis feitos com diferentes materiais (canos, colheres, panelas, ralador, entre outros). Percebi ainda a necessidade de aprimorar a estética dos objetos sonoros e do espaço destinado à instalação, como delimitar de alguma forma o chão (seja com o uso de tapetes, tecidos ou tintas) e qualificar a estética dos tonéis que estão sem acabamento, mas que agora serão pintados em conjunto com as crianças.

Outro destaque importante é que, mesmo sabendo que a galeria da escola não é um espaço acústico favorável ou o lugar ideal para a instalação, este era o melhor espaço que a escola oferecia para que tal proposta fosse realizada, ou seja, na realidade em que estávamos inseridos, este era o lugar ideal para que ela ocorresse, possibilitando uma experiência muito rica tanto para as crianças quanto para os docentes ali envolvidos. Nem sempre teremos condições perfeitas, mas de maneira alguma devemos deixar de desenvolver nossas propostas por não termos todas as condições ideais; devemos, isto sim, tentar fazer o melhor possível dentro daquilo que temos.

Ao observar esta interação das crianças na instalação sonora, percebi que ações simples podem levar a uma sensibilidade da escuta. É evidente que essa simplicidade está atrelada a um planejamento, a um suporte teórico e a uma

sensibilidade no olhar e na escuta para com as crianças, o que na realidade não é tão simples, mas, neste caso, não foram necessários grandes investimentos financeiros, e sim grandes parcerias para que a instalação ocorresse. Portanto, tais propostas são plenamente viáveis na escola pública, uma vez que não necessitamos de grandes verbas para que as instalações sejam disponibilizadas às crianças.

Fica claro também que as crianças foram sempre surpreendentes, pois, a cada grupo que ali passava, não tínhamos como prever o que ocorreria. Mesmo conhecendo as crianças e tendo certas expectativas em relação ao que elas fariam, o ambiente as provocou de maneiras diferentes, fazendo com que suas experiências fossem singulares. Assim como as crianças são únicas em sua existência, a interação e a integração que elas tiveram com a instalação tornaram a obra única e diferente a cada um que por ela passou.

Desta forma, podemos perceber o quanto esses momentos de criação são importantes, pois pensar a escola de educação infantil, seus espaços, tempos e atividades é algo muito complexo.

Uma infância pode ensinar à escola básica que sua atividade precisa estar atrelada a este tempo generoso e alargado da invenção, do lúdico, do imprevisto, da imaginação, da curiosidade, imprimindo um pensar e um agir pautados nas diferenças que se manifestam nas muitas linguagens infantis, pois como nos coloca Loris Malaguzzi “a criança é feita de cem” (ABRAMOWICZ, 2013, p. 42).

Compreendendo então a necessidade de trabalhar com as múltiplas dimensões da linguagem na educação infantil, de não restringirmos a apenas uma ou duas, mas sim tentar contemplar a maior parte delas nas experiências proporcionadas às crianças pequenas, é que defendemos a ideia de um tempo, de um espaço e de uma mediação pedagógica adequados para que as crianças sejam autoras na construção de seu conhecimento. Nesse caso, a instalação possibilitou, além das inúmeras descobertas feitas de maneira única por cada criança, compreender que a instituição escolar permitiu este brincar com as sonoridades.

Encantar-me com a possibilidade de criar uma instalação sonora na escola me fez compreender o conceito de estar em linguagem na infância, “superan-

do a ideia da linguagem enquanto um conteúdo a ser ensinado” (RICHTER, 2005). Até então, para mim, a infância era o articular das diferentes linguagens: linguagem sonora, linguagem plástica, linguagem escrita, literária, dramática, matemática, etc. Agora compreendo que estar no mundo é estar em linguagem e nela cabe a pluralidade de todos os sentidos que decidimos narrar do mundo.

As dimensões languageiras do viver, presentes no lugar e tempo cotidiano, é que provocam os sentidos do discurso. A inquietude de pensar com os sons emergiu da experiência poética de compor um tempo e espaço na escola: *Proibido não tocar*. Foi necessário o tempo para provar as materialidades sonoras, procurar panelas, separar sementes, juntar páletes, comprar canos, escutar outras artes sonoras realizadas em diferentes culturas ao redor do mundo, classificar, martelar... Tudo isso para entender que “primeiro vem a experiência e logo as palavras que encontramos para nomeá-las” (BÁRCENA; MÈLICH, 2000, p. 79 apud BERLE).

Iniciei esta proposta pensando em dar continuidade a uma experiência vivida na graduação. O que ressoa em mim agora não é a palavra continuidade, mas convivência, porque a instalação sonora inventou mundos de sentidos experimentados na condição de ser professora de Educação Infantil da escola pública brasileira. Essa foi apenas uma ação experimentada institucionalmente. O foco na dimensão sonora foi uma escolha para contemplar a complexidade do universo musical. Porém, são essas ações (aparentemente) simples que provocam a sensibilidade da escuta.

Mais uma vez vivenciei uma experiência incrível e extremamente gratificante, em que a alegria, o conhecimento e a emoção estiveram constantemente presentes, evidenciando as inúmeras e complexas potencialidades que o trabalho com música na educação infantil possibilita. Compreendo que a docência é um exercício de criação em constante movimento. A paixão de encontrar provocações pode ser o ensinamento que a infância nos convida a escutar.

## Referências

9ª BIENAL DO MERCOSUL. **Material didático para professores**: manual para curiosos. Porto Alegre, 2013.

ABRAMOWICZ, Anete. A criança interroga a infância. In: CAMARGO, Ieda de (org.). **Sociedade atual**: nós e o outro. Santa Cruz do Sul: LupaGraf, 2013.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

BERNARDI, Luigi; SEDIOLI, Arianna. **Paesaggi sonori di una città**. Milão: Mazzotta, 2002.

BITTENCOURT, Ariane Carolina Boscardini. **Balangandã sonoro**: uma sugestão de material didático para trabalhar o “barulhar” das crianças na educação infantil. 77 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

BOHENEM, Rosimeri; KOPP, Felipe Augusto; RICHTER, Sandra Regina. Espaços de linguagem e imaginação poética na infância. In: XI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PUCRS, 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2010, p.1-2. Disponível em: <[http://www.edipucrs.com.br/XISalaoIC/Ciencias\\_Humanas/Educacao/84092-FELIPEAUGUSTO-KOPP.pdf](http://www.edipucrs.com.br/XISalaoIC/Ciencias_Humanas/Educacao/84092-FELIPEAUGUSTO-KOPP.pdf)> Acesso em: 10 maio 2011.

CABANELLAS, Isabel; HOYUELOS, Alfredo. **Momentos**. Entre cantos e baluceos. Pamplona: Universidade Publica de Navarra, 1998.

CAMPESATO, Lilian; IAZZETTA, Fernando. **Som, espaço e tempo na arte sonora**. In: XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM), 2006, Brasília. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/iazetta/papers/anppom\\_2006.pdf](http://www.eca.usp.br/iazetta/papers/anppom_2006.pdf)>. Acesso em: 15 dez. 2013.

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org.). **As artes no universo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LINO, Dulcimarta Lemos. **Barulhar**: a escuta sensível da música nas culturas da infância. 2008. 392 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

\_\_\_\_\_. Barulhar: a música das crianças. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, Associação Brasileira de Educação Musical, n. 24, p. 81-88, set. 2010.

RICHTER, Sandra Regina Simonis. **A creche como contexto de vida coletiva**. Palestra Curso de Extensão, NEB UNISC – GT Educação Infantil/ Grupos de pesquisa LINCE/UNISC e GEIN/UFRGS. Santa Cruz do Sul, 18 de maio de 2013.

\_\_\_\_\_. **A dimensão ficcional da arte na educação da infância**. 2005. 289 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS. Porto Alegre, 2005.

RICHTER, Sandra. **Criança e pintura**: ação e paixão do conhecer. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SANTANA, Helena Maria da Silva; SANTANA, Maria do Rosário da Silva. **Ver o som – ouvir a arte**. Aveiro: Actas do 2º Congresso Internacional de Aprendizagem na Educação de Infância, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10773/5558>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

SCHAFER, R. Murray. **Educação sonora**: 100 exercícios de escuta e criação de sons. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

\_\_\_\_\_. **O ouvido pensante**. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.